

Pontos epistemológicos: entre o objeto, o método e a política

Jairo Ferreira
Potiguara Mendes

O texto do editorial de apresentação de um número de uma revista precisa transitar entre edificações heterogêneas que são escolhidas por outros – autores e pareceristas. Felizmente, a revista **Questões Transversais (QT)**, por sua especificidade, facilita uma construção coerente: os artigos aqui apresentados sempre oferecem caminhos específicos para uma boa costura. O fio condutor deste número pode ser *política & epistemologia* ou *método & metodologia*. Portanto, sem ser dossiê imediato, a **Questões Transversais** se mostra um dossiê dinâmico.

Começamos com **Lucrécia Ferrara**, em cujo artigo a tensão entre epistemologia, método e política é explícita, ao trazer ao debate proposições que tensionam o campo. Ao propor as relações de diferença e continuidade entre metáfora e metonímia, modos de dizer e modos de pensar, encaminha soluções também aos impasses entre subjetividade e objetividade axiológica (e ontológica), aproximando-se, assim, das interpenetrações entre ambas. Por essa via, a autora aciona suas proposições mais profundas, que arriscamos numerar: a primeira, a compreensão da semiose como núcleo das relações epistêmicas na vida social, inclusive comunicacional; a segunda, a de que os processos interativos têm supremacia em relação aos mediativos (e instrumentais); a terceira, a de que as epistemologias das ciências sociais clássicas e, inclusive, a filosofia requisitam, hoje, aquelas que são construídas pelo campo epistemológico da comunicação. Feita essa neutralização, podemos agora arrematar com sua inferência maior:

Sob o domínio daquele contínuo cognitivo entre metonímia e metáfora, subjaz uma estratégia política fundamental. Apoiando-se nas multiplicidades interativas e suas modalidades, a comunicação é permeada “pela luta, trazendo a reboque, na sua constituição e organização, o confronto entre forças sociais e políticas” (Lazzarato, 2006, p. 157).

Nessas últimas, estariam as chaves para a compreensão das interações, dos processos socioculturais e políti-

cos – “emprestando-lhes uma complexidade”. Sua formulação é convergente com vários pensadores, inclusive autores já publicados em **Questões Transversais**, e que configuram hipóteses sobre a identidade em construção no campo epistemológico da comunicação que, apesar de sua diversidade, reúnem vários pesquisadores do campo.

Com essa formulação abrindo este número, damos continuidade à tensão com as epistemologias racionalistas – tensão essa que não é apenas social, coletiva, mas também individual. É só pensarmos na tensão, já observada, entre o Aristóteles da identidade lógica e o da analogia; ou o Bachelard do racionalismo aplicado e o da poética; ou ainda, o Peirce da lógica e o da abdução, das emoções e das energias.

Nesse percurso, que também já soma alguns artigos em nossas edições, apresentamos o artigo de **Therence Santiago Alves Feitosa e Ubiratan Silva Alves**. Há espaço para a poética no método de pesquisa do campo acadêmico? O debate tem aparecido, mais de uma vez, na lista da Compós. Os autores, convergentes com outros que já formularam suas proposições de método nesta **Revista**, sugerem:

Muito da postura radical racionalista no que diz respeito à ciência se manifesta no sentido de se manter (exercer) determinadas estruturas de poder. O resultado disso [...] é certa manutenção de um dado domínio epistemológico. As teorias que sustentam tais intenções (de exclusividade do racionalismo) se fecham em si. Fazem isso buscando certa proteção no sentido de não se tornarem vulneráveis (ameaçadas pelo “novo”, pelo subjetivo, pelo poético).

Sem nenhuma combinação com outros autores, os autores também falam em produção de “relações deslocadas, pois ocorrem uma representação do objeto e uma metonímia, um deslizamento sensorial”.

Mas é necessário ir aos contextos. Se os contextos são contínuos, como sugere Lucrécia, retornam. Seria válido pensar que impregnam os modos de dizer? Nisso agrupamos dois artigos. O rosto (**Frederico da Cruz Vieira**

de Souza e Ângela Cristina Salgueiro Marques) e a cultura (Ana Luiza Coiro Moraes). Situar o rosto como contexto é arriscado. Mas assim fizemos para arriscar. Situando o rosto entre o que é, o outro, a cena, o dissenso e a política, os autores retocam (no sentido de que tocam novamente) nas relações intrínsecas entre a comunicação e a política. Assim convocam a incessante subjetivação como forma de ver, ser e dizer. Retornando a Foucault, os autores ingressam nas tensões entre o ser “sujeito à” e o “sujeito de”, em que o dissenso (inclusive entre subjetividade manifesta e o ambiente codificado) é valorizado como objeto de constituição ética e normativa.

A epistemologia, o método e a política também se entrelaçam no artigo de Ana Coiro. Seu trabalho de desenvolvimento de aportes teórico-metodológicos na linhagem de pesquisas definida como Estudos Culturais marca, com clareza, o retorno à perspectiva epistemológica marxista, em que o ativismo político e a análise são indissociáveis, assumidos, desde seus fundadores (Raymond Williams, Richard Hoggart e Edward P. Thompson). Ao mesmo tempo, superam o economicismo, ao proporem a cultura como um processo histórico-social independente, constituente de ações materiais em suas formas. Aqui também a linguagem se atualiza (em especial, nas análises de Stuart Hall) como operadora sobre os contextos, demandando do diagnóstico crítico a desconstrução dos códigos naturalizados. Destacam-se, no artigo, operações analíticas, que, inclusive, são apresentadas sem pretensões de síntese: as relações entre cultura vivida, o registro e seletividade (Williams); a crítica da economia política da produção, do texto e os estudos da recepção (Kellner). Enfim, um acervo teórico e metodológico indicado, a ser integrado às análises que valorizam os registros, os códigos e os textos

em relação com os contextos, de produção, consumo e recepção.

A busca metodológica também está explícita no artigo de Fernanda Ariane Silva Carrera. Mobiliza o arsenal teórico oferecido pela análise do discurso – essa linhagem também gestada na busca da compreensão do conflito político e ideológico, quando, já em Pêcheux, identifica o jogo de imagens construídas nas interações discursivas e sugere as tentativas de quantificação informacional. Dominando os conceitos visitados, o texto costura um percurso de apropriação tentativa dos contextos sociais para a constituição de discursos específicos, conforme suas técnicas, que se objetivam em formas específicas de codificação do social.

Finalizamos com um artigo que catalogamos como Pesquisa em Ação, resultante “de uma experiência de pesquisa nacional sobre o consumo midiático juvenil que congrega 27 equipes de investigação”, da Rede de Pesquisa Brasil Conectado, formada por pesquisadores de Universidades Federais e Privadas de todos os Estados do País, com o objetivo de desenvolver pesquisas nacionais e comparativas, incluindo o Grupo de Pesquisa Comunicação e Práticas Culturais. A pesquisa visa ao estudo do consumo cultural e midiático de jovens de 18 a 24 anos, em 26 estados e no Distrito Federal. O texto sugere a importância dos softwares na análise de grandes quantidades de dados, começando pelo já maduro SPSS (que completa 50 anos) até o recente NVivo.

Ao finalizarmos a apresentação deste número, deixamos a questão: como relacionar as metodologias que valorizam o subjetivo e a poética com as que acionam Codificação Assistida de Dados Qualitativos (SPSS e NVivo)? Como os dois movimentos dialogam na análise da *pólis* e seus rostos em dissenso?